

Concepções de Mulheres Estudantes de Educação Física Sobre Assédio e Preconceito como Desafios para Atuação Profissional

Conceptions of Physical Education Female Students on Harassment and Prejudice as Challenges for Professional Activity

Clara Regina Menezes da Rocha^a; Wallace Carlos Pires de Lacerda^a; Felipe da Silva Triani^{*ab}; Glhevysson dos Santos Barros^c

^aFaculdade Gama e Souza. RJ, Brasil.

^bUniversidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências do Exercício e do Esporte. RJ, Brasil.

^cSecretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. RJ, Brasil

*E-mail: felipetriani@gmail.com

Resumo

Atualmente, embora o preconceito ainda exista, está escondido. Tradicionalmente, o preconceito contra a mulher na Educação Física pode ser observado, tanto no ambiente escolar, como esportivo. Diante de diferentes situações que as mulheres já vivenciaram, no que se refere ao mercado de trabalho, na Educação Física, há alguns casos que evidenciam esforços de algumas mulheres em criarem espaços alternativos. Diante desses fatos, o objetivo deste manuscrito foi conhecer e analisar a concepção de mulheres acadêmicas do curso de Bacharelado em Educação Física sobre os desafios encontrados no cotidiano profissional. Participaram do estudo 42 mulheres, estudantes de Educação Física, que faziam estágio em academia de ginástica, com idade entre 20 e 50 anos, todas da cidade do Rio de Janeiro. A coleta de dados foi realizada no primeiro semestre do ano de 2018. Nesse contexto, foram adotados os seguintes critérios de inclusão: a) ser do sexo feminino; b) estar cursando graduação em Educação Física e; c) estar em período de estágio acadêmico obrigatório ou não. Desse modo, o critério de exclusão foi o não atendimento a qualquer um dos critérios de inclusão. As estudantes responderam a um questionário e participaram de uma entrevista. Os resultados indicaram que os desafios encontrados no cotidiano são o assédio no caminho para o trabalho, no ambiente profissional e representações de sexo frágil, no que se refere ao trabalho com pesos nas academias de ginástica.

Palavras-chave: Mulheres. Educação Física. Práticas Sociais.

Abstract

Nowadays, although prejudice still exists, it is hidden. Traditionally, prejudice against women in physical education can be observed in both the school and sports environments. Faced with different situations that women have already experienced regarding the labor market, in physical education there are some cases that show some women's efforts to create alternative spaces. Given these facts, the purpose of this manuscript was to know and analyze the conception of female students of the bachelor degree course in physical education about the challenges encountered in their daily work. The study included 42 women, Physical Education students who were interning in a gym, aged between 20 and 50 years, all of them from the city of Rio de Janeiro. Data collection was performed in the first semester of 2018. In this context, the following inclusion criteria were adopted: a) being female; b) being studying undergraduate degree in Physical Education and; c) being in a period of compulsory academic internship or not. Thus, the exclusion criterion was not meeting any of the inclusion criteria. The students answered a questionnaire and participated in an interview. The results indicated that the challenges encountered in daily life are harassment on the way to work, in the professional environment and fragile sex representations concerning working out with weights in gyms.

Keywords: Women. PE. Social practices.

1 Introdução

Tradicionalmente, o preconceito contra a mulher na Educação Física pode ser observado já no ambiente escolar. Luz Júnior (2002) discute os estudos de gênero, com ênfase nas definições sociais, estabelecidas em função do sexo.

No que se refere às práticas corporais e esportivas, Goellner (2000) evidencia a relação entre Educação Física e feminilidade nos anos 1930 e 1940. Na ocasião, seu estudo buscou compreender as práticas corporais esportivas e a visibilidade do corpo feminino no início deste século XXI. De acordo com as investigações realizadas, no que se refere à família, ser feminina é ser também saudável e bela para cumprir os desígnios de seu sexo: casamento e procriação. A Educação Física, inicialmente, nesta época, atribuída

ao corpo feminino transformado pelo exercício físico e pelo treinamento contínuo, era dotada de representações sociais, que associavam as práticas corporais esportivas, que descaracterizavam a beleza e a feminilidade da mulher pela expressão da virilidade esportiva, além disso, também colocava em dúvida a autenticidade do seu sexo.

Essa questão das dificuldades de permanência de mulheres em esportes considerados masculinos foi objeto de discussão em investigação publicada por Moura *et al.* (2010). No estudo, o tema preconceito nos esportes foi realizado em entrevistas semiestruturadas, realizada com oito meninas, que praticavam futebol, na faixa etária de 10 a 17 anos, no clube Europa, na zona Norte do Rio de Janeiro e com uma menina praticante de Mixed Martial Arts (MMA). Como resultado

da investigação, os pesquisadores encontraram que, tanto as meninas do futebol, quanto a atleta do MMA, a entrada no esporte parecia de fato ser bem tranquila, no entanto, para se manterem, era bem diferente, pois as entrevistadas desvelaram a presença de desconfiança de suas orientações sexuais, em diversas ocasiões. Embora as representações negativas sobre a participação de mulheres, nas práticas esportivas, tenham sido evidenciadas, essas não são determinantes para o abandono da prática.

Probst e Ramos (2003), em uma investigação sobre a história das mulheres no mercado de trabalho, reforçam, além da diferença salarial, outros desafios enfrentados. De acordo com o estudo, inicialmente, o marido era o provedor do lar e a mulher não precisava e não deveria ganhar dinheiro. No entanto, a partir da década de 1970, as mulheres foram conquistando mais espaço no mercado de trabalho, embora o preconceito e a desigualdade salarial entre homens e mulheres houvesse.

Atualmente, embora o preconceito ainda exista, está escondido. Diante de diferentes situações, nas quais as mulheres já vivenciaram no que se refere ao mercado de trabalho, na Educação Física há alguns casos que evidenciam esforços de algumas mulheres em criar espaços alternativos. Dessa forma, Matias (2013) descreve um relato de experiência vivida em uma academia como professora e proprietária, na cidade de Esperança, na Paraíba, em que de acordo com as descrições do relato foi criada uma academia voltada somente para o grupo feminino.

Sobre essa estratégia em criar um espaço somente para o público feminino, Neiva, Gomes e Costa (2007), em seu artigo, buscaram entender o processo de expansão das academias de ginástica feminina, sob a perspectiva da história das academias femininas em todos os momentos. Para realização do estudo, foram entrevistadas quatro mulheres, professoras de ginástica, fundadoras de academias femininas no Estado do Rio de Janeiro. Como resultado, o estudo mostrou que entre as questões inerentes às motivações para a criação de academias somente para mulheres, as questões de gênero estavam presentes.

Diante desses entendimentos, foi possível observar no levantamento de artigos sobre o tema, que estudos com mulheres, ainda em formação, sobre a sua concepção quanto aos desafios de exercício da Educação Física ainda são poucos. Assim, parte-se da questão problema: como a Educação Física, por meio de suas práticas cotidianas, está ajudando suas graduandas a construir a identidade de gênero na área profissional? Dessa forma, o objetivo desse manuscrito foi conhecer e analisar a concepção de mulheres acadêmicas do curso de Bacharelado em Educação Física sobre os desafios encontrados no cotidiano profissional.

2 Material e Métodos

Trata-se de um estudo do tipo qualitativo, que empregou

a pesquisa de campo como técnica de aproximação com os dados. De acordo com Severino (2007), essa estratégia de investigação ocorre quando o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio e a coleta dos dados é realizada nas condições naturais, em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador.

Participaram do estudo 42 mulheres, estudantes de Educação Física, com idade entre 20 e 50 anos, todas da cidade do Rio de Janeiro. A coleta de dados foi realizada no primeiro semestre do ano de 2018. Nesse contexto, foram adotados os seguintes critérios de inclusão: a) ser do sexo feminino; b) estar cursando graduação em Educação Física e; c) estar em período de estágio acadêmico obrigatório ou não. Desse modo, o critério de exclusão foi o não atendimento a qualquer um dos critérios de inclusão.

O questionário e a entrevista estruturada (SEVERINO, 2007) foram os dois instrumentos de coleta de dados utilizados. Dessa maneira, foram agendados encontros com as participantes, ocasião em que respondiam a um questionário sobre a área da Educação Física, em que fazia estágio, se já havia sofrido algum tipo de assédio na profissão, se passou por dificuldade em processo seletivo de contratação por ser mulher e se percebia que, atualmente, as mulheres têm mais espaço na profissão.

Depois de responder ao questionário, a técnica de entrevista estruturada foi utilizada, momento em que foi perguntado sobre os tipos de preconceito, que tinham vivenciado ou presenciado em relação ao ser mulher na Educação Física, a questão acerca das diferenças de tratamento entre homens e mulheres e, ainda, sobre os possíveis fatores que se apresentam como dificuldade para a mulher na área.

Todas as alunas participaram como voluntários e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, sendo respeitados os critérios éticos e legais em pesquisas envolvendo seres humanos, de acordo com a Resolução 510 de 2016. Cabe ressaltar que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa: CAAE de 41355114.3.0000.5283.

3 Resultados e Discussão

Partindo da questão que investigava a atuação das atividades das estagiárias nas academias se constatou-se uma maior atuação na atividade de musculação (59,52%). As aulas coletivas foram as atividades com a menor participação, com 40,48%. A musculação nesta pesquisa foi a atividade de maior prevalência em termos de atuação das estagiárias. No entanto, é importante lembrar que nas academias de ginástica, comumente, o ambiente da prática de musculação tem, em número de estagiários, nos horários de maior atendimento, o dobro do quantitativo de professores, algo que não é comum na atividade de aulas coletivas, nas quais somente um professor é responsável pelo grupo (VIEIRA *et al.*, 2014).

Diante dos dados, observa-se que o número de mulheres

atuando nas salas de musculação foi maior do que nas aulas coletivas. Segundo Lessa, Oshita e Valezzi (2007), até os anos 1960, a medicina esportiva alegava que os exercícios com sobrecargas não eram recomendados para as mulheres, tendo como argumento que o corpo feminino não estaria preparado para essas atividades. No entanto, sabe-se que os exercícios bem planejados e organizados, de forma correta, trarão qualidade de vida, além de diversos benefícios ao organismo feminino, como: aumento da massa magra, melhor funcionamento do coração, sensação de bem-estar e autoconfiança. Dessa maneira, observa-se que essa afirmação pode ter servido de base para o reduzido número de mulheres nesse campo.

No entanto, apesar de haver um crescimento do público feminino trabalhando na musculação, Lessa, Oshita e Valezzi, (2007) afirmam que a preferência delas ainda é pelas aulas coletivas. Além disso, apesar de ter sido observado um crescimento do número de mulheres atuando na musculação, em estudo realizado por Palma e Assis (2005), com 305 professores de Educação Física, sendo 82 do sexo feminino, que de um total de 181 professores que responderam ao questionário e atuam na musculação, 152 são do sexo masculino e 29 do sexo feminino. Dessa forma, apesar de haver um crescimento das mulheres nesse campo de atuação, no campo da musculação existem mais homens do que mulheres.

Assim, além da predominância dos homens na musculação, em estudo realizado por Espírito-Santo e Mourão (2006), com a participação de 15 professores (oito homens e sete mulheres) de quatro academias, que trabalhavam apenas com o fitness, foi constatado que as mulheres recebem menos que os homens para os mesmos serviços, ou seja, musculação, hidroginástica, ginástica coletiva, alongamentos e outros. A média de horas semanais trabalhadas pelas pessoas, que participaram da pesquisa, foi de 50,7, o que está bem acima das 40h semanais previstas, nas leis trabalhistas. Verifica-se que há diferença significativa entre a horas trabalhadas, sendo (48h) e pelas professoras (53,7h), e que as mulheres recebem em média entre R\$ 2.383,00 e R\$ 3.257,00, já os homens recebem entre R\$ 3.200,00 e R\$ 4.062,00 para o mesmo trabalho.

Neste contexto, é possível observar na literatura que o reduzido número de mulheres atuando na musculação não é raro. Logo, na ocasião da entrevista, foi perguntado sobre os fatores que contribuem para um número reduzido de mulheres e as seguintes narrativas foram obtidas:

Acho que devido ao próprio interesse de cada um, porque depende de alguns fatores um deles seria que o mercado está mais aberto para os homens (Entrevistada 9).

É visado muito por estereótipo, e acho que por sermos mulheres acham que não temos o mesmo potencial (Entrevistada 1).

O homem não aceitar ser treinado por uma mulher (Entrevistada 3).

Embora Lessa, Dellai e Valezzi (2007) tenham afirmado que a crença na vulnerabilidade biológica e na fragilidade inata

que antes deixavam as mulheres de fora de alguns ambientes como a musculação tenha se extinguido, as narrativas das entrevistadas contrapõem essa afirmação, desvelando indícios de que essa visão ainda está presente no ambiente de academia.

Em relação a já terem sofrido algum tipo de assédio, a maioria das mulheres (61,90%) relatou sofrer assédio no caminho ou no trabalho. Segundo Fukuda (2012, p. 125): “o assédio caracteriza-se por um constrangimento realizado por uma pessoa em posição de superioridade em relação à vítima”.

Costa e Silva (2002) assinalam que existe, na literatura, autores que defendem a divisão da prática de exercício por sexo em função do assédio sexual, emocional e físico que são impostos às pessoas do sexo feminino por serem consideradas inferiores, desvelando representações compartilhadas pelo sexo masculino, que consideram as mulheres como criaturas “sem rosto”, somente objetos de prazer.

Novas formas de prática de exercício foram sendo elaboradas, tendo como um dos seus efeitos, o assédio. Trata-se, portanto, das academias próprias para o grupo feminino. Essas academias tiveram uma expansão a partir da década de 1990, em função da ideia de o homem ter uma representatividade negativa no contexto das práticas de exercícios físicos em academias mistas. Muitas dessas mulheres ficavam constrangidas pelos olhares excessivos e invasivos dos homens, que estavam presentes nas academias (FRAZÃO; COELHO FILHO, 2015).

Neiva, Gomes e Costa (2007) buscaram entender o processo de expansão das academias de ginástica feminina, com isso, foi descoberto que a motivação para criação de academias somente para mulheres estava relacionada à questão de gênero. Scott (1995, p.86) define gênero em duas partes: a primeira é definida como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e a segunda como “uma forma primária de dar significado às relações de poder”.

Já quanto ao assédio sofrido no caminho do trabalho, em coletivos ou mesmo nas ruas, se tem abaixo duas respostas que relatam essa situação, situações nas quais as mulheres sofreram algum tipo de assédio.

Dentro de um ônibus uma amiga foi assediada e eu intervir por ela ter ficado acuada (Entrevistada 6).

Tive a atitude de ceder meu lugar, pois ela estava incomodada e alertar as pessoas em volta do ocorrido. Imediatamente os outros homens mais próximos expulsaram o rapaz do trem (Entrevistada 7).

Quando questionadas sobre as dificuldades na ocasião da contratação, é possível observar o seguinte ilustrativo. Pode-se observar que ser mulher, na concepção das estudantes, não é motivo para não ser contratada. Dessa maneira, em um estudo realizado por Paixão (2017), com 28 docentes de ambos os sexos (19 homens e 9 mulheres), com formação inicial em Educação Física, sendo 17 atuantes em academias de ginástica e 11 em escolas de Educação Básica, percebe-se que no geral, os professores no início de carreira têm certa dificuldade

para conseguir emprego, em decorrência de alguns desafios, que são encontrados por eles. Nas academias, os alunos que frequentam o espaço, há diferentes objetivos por parte deles como a estética corporal, saúde e qualidade de vida. Diante disso, “essa situação impõe ao professor o domínio de uma gama de competências específicas na condução das variadas atividades de academia oferecidas” (PAIXÃO, 2017, p.557). Além disso, outras dificuldades relatadas pelos participantes foram: 63% possuem grande diversidade de objetivos buscados pelos clientes; 11% acham insuficiente a vivência prática para desempenhar a função de instrutor; 11% não têm reconhecimento por parte dos clientes pelo trabalho desenvolvido como instrutor.

Vê-se na pesquisa acima algumas dificuldades encontradas pelos participantes. No entanto, se têm alguns relatos das entrevistadas quanto à contratação, mesmo recém formadas. Apesar de muitas não acharem dificuldades em serem contratadas, vê-se abaixo que tanto na entrevista de estágio, quanto na contratação em academias, há certo preconceito e discriminação. Essa discriminação se verifica em umas das narrativas, quando a participante afirma que durante uma entrevista de estágio, ela não seria a pessoa ideal para ser contratada, pois o trabalho exigiria muito esforço ao pegar ou guardar o material, sendo melhor contratar um estagiário do sexo masculino. Muitos ainda veem na sociedade as mulheres como pessoas do sexo frágil. O gênero não deveria ser diferenciado durante uma contratação, pois todos têm capacidade em atuar em qualquer área.

Fui a uma entrevista de estágio de um funcional na praia e a professora ficou com os dois garotos que estavam lá, insinuou em um momento que os garotos seriam melhor, pois precisava guardar materiais que eram pesados (Entrevistada 10).
Sim, determinadas academias contratam apenas funcionários do sexo masculino (Entrevistada 27).
Gênero não deve diferenciar profissão, todos têm capacidade de atuar na área em que estudou, pois se especializou para isso (Entrevistada 30).

Outra resistência é a contratação de mulheres em atividades ligadas ao futebol. Muitos ainda acham que futebol é coisa de homem e que as mulheres não têm preparo ou condições para atuarem com este esporte (COSTA; SILVA, 2002).

Na seguinte narrativa, a entrevistada alega esse preconceito ainda presente na sociedade, quando o assunto é estágio ou trabalho no meio esportivo. É preciso rever esses conceitos dentro da sociedade e parar de tratar as mulheres como inferiores.

Em estágios, relacionados ao esporte, como no futebol (Entrevistada 31).

Além das respostas do questionário, as entrevistadas afirmaram que as mulheres vêm crescendo dentro da Educação Física, em especial, no ambiente de academias, ou seja, têm adquirido mais espaço. Ressalta-se que, historicamente, a Educação Física no Brasil era uma profissão de fato masculina. Essa foi introduzida nas escolas em 1851 com a reforma Couto

Ferraz e, em 1854, a ginástica se tornou obrigatória. Com o passar dos tempos vieram algumas tendências, em especial a higienista, que tinha o interesse de promover a saúde através dos hábitos de higiene e da prática de exercícios físicos, e a militarista, cujo interesse da Educação Física na escola era tornar o aluno mais forte e saudável, ou seja, pronto para o combate, preparando-o para a guerra (DARIDO; RANGEL, 2008). Desta maneira, em virtude do momento histórico que a Educação Física passou, essas narrativas refletem um pouco desses indícios, conforme afirmam algumas das entrevistadas.

Apesar de esse número estar crescendo, dentro da área *fitness* o público masculino ainda é maioria. E tem muita gente que entra na área por praticar. Acredito que o tempo e a rotina influenciam bastante essa prática. A mulher acaba sendo mais compromissada com a rotina que o homem e começa uma nova rotina de estudos, afeta a rotina que a mulher já possui (Entrevistada 12).

Em minha opinião [...] o número de mulheres vem crescendo cada vez mais na educação física (Entrevistada 4).

Não acho que nos dias atuais tenha um número reduzido de mulheres na Educação Física, vejo isso dentro da sala de aula (Entrevistada 26).

De todas as perguntas realizadas, a questão que indagava se já vivenciaram algum tipo de preconceito, essa foi a que mais se dividiu. Das 45,24% mulheres participantes da pesquisa disseram já presenciar algum tipo de preconceito e 54,76% disseram que nunca vivenciaram. Apesar de mais da metade responder que nunca vivenciaram o preconceito, sabe-se que esse existe. Muitas vezes, o preconceito vem pela desconsideração e desmerecimento do outro por algum motivo, achando que os direitos não são iguais (SILVA, 2010). Algumas narrativas fazem referência a esse assunto:

Por exemplo, no *fitness*/musculação, mulher é considerada sexo frágil (Entrevistada 27).

Falta de credibilidade dos alunos em salas de musculação (Entrevistada 41).

Falta de credibilidade na profissional da área; preconceito; assédio; entre outros (Entrevistada 42).

O machismo e o preconceito estão enraizados na sociedade, de forma que as pessoas não acreditam nas mulheres para realizarem um programa de treinamento, tirar dúvidas, ajudar em algum exercício ou trabalhar com esportes ditos masculinos. Esses preconceitos coadunam com alguns tipos que são tão “rigidamente criados e difundidos nas sociedades de massa que começam a fazer parte da cultura de um povo através de estereótipos”. Como exemplo, também, há aquela “crença de que toda mulher loira é burra, que é disseminado em nossa cultura e estão tão enraizados no nosso imaginário que passam despercebidos nas formas mais sutis de nosso discurso, de forma velada ou explícita” (SILVA, 2010, p. 563). Dessa maneira, no que se refere a essa questão, algumas narrativas são apresentadas:

Sociedade machista e preconceituosa (Entrevistada 8).

Na musculação por acharem que mulher não teria capacidade de atender o objetivo do cliente do sexo masculino. Em clubes por alegarem que mulher não tem pulso firme para lidar com uma equipe de alto rendimento (Entrevistada 13).

Na academia já presenciei o aluno (homem) não querer fazer uma prescrição de série por ser mulher, acha que o profissional não sabe passar treinos duros e eficientes, acham que somente profissional homem ira sabe (Entrevistada 18).

De acordo com Silva (2003, p.1), o preconceito pode ser entendido como “um conjunto de crenças, atitudes e comportamentos negativos atribuídos a membros de determinados grupos sociais”. Esse preconceito pode ser observado na seguinte narrativa, quando a entrevistada afirma que muitos alunos deixam de tirar alguma dúvida por acharem que elas não são capazes.

Sim, no próprio ambiente onde trabalho, muitos alunos deixam de tirar dúvidas e de fazerem certos exercícios por desacreditarem na profissional (Entrevistada 42).

O preconceito indicado, muitas vezes, não é somente dos homens, mas também das próprias mulheres por acharem que elas não são capazes de realizar um programa de treinamento adequado, ou seja, considerando-se inferiores. Nota-se esse fato nas narrativas a seguir.

Falta de espaço e preconceito de muitos homens e as próprias mulheres ao acharem que uma mulher por ser conhecida como sexo frágil não consegue segurar um peso ou até mesmo não saber prescrever (Entrevistada 6).

Apesar de nunca ter tido dificuldade para trabalho, acredito sim que exista esse preconceito contra nós. Às vezes, vindo de próprias mulheres (Entrevistada 7).

Sou completamente contra qualquer tipo de preconceito, sendo mulher acho que é uma bobeira tão grande, por mais machista que o homem seja ele terá que ter uma companheira, as mulheres já mostraram que não são inferiores aos homens, seja no que for (Entrevistada 11).

É observável que, muitas vezes, a crítica vem da própria mulher, por não acreditar que um bom profissional não é definido pelo sexo, mas pela competência e profissionalismo. Dessa maneira, é preciso assinalar que ambos os profissionais são capazes de realizar um bom programa de treinamento. Casarino, Quevedo e Gervasoni (2014, p. 2) afirmam que:

Embora a mulher tenha conquistado diversos direitos de ordem internacional e nacional além de estar equiparada ao homem em direitos e obrigações de acordo com o artigo quinto da Magna Carta Nacional, a mulher ainda sofre opressão social, tendo em vista que o pensamento de que ela seja inferior ao homem ainda persiste, manifestando-se através dos altos números de violência física, sexual, moral e psíquica sofrida pela mulher brasileira.

As narrativas a seguir evidenciam o que, na concepção das estudantes, tem implicado para a descrença sobre a pessoa do sexo feminino para prescrição do treinamento.

Talvez pelo fator de olhar que não temos a mesma capacidade de um homem para determinadas coisas (Entrevistado 5).

As pessoas acharem que é profissão de homem (Entrevistada 17).

O fato de ser mulher acham que não temos a mesma resistência que o homem, acham que não somos capazes de sermos profissionais com conceito igual ao deles. Enganam-se, pois não é o sexo que define um bom profissional, e sim sua competência, dedicação e conhecimento (Entrevistada 18).

Sobre querer prescrever treino com professores homens e não mulheres. Foi explicado que não há diferença no treino e que ambos poderiam fazer (Entrevistada 15).

Quando questionadas se já perceberam diferença no tratamento entre os sexos, 73,81% das estudantes afirmaram não ter diferença entre o tratamento dado a elas e aos homens, diferentemente de um estudo anteriormente publicado o qual observou que, tradicionalmente, o preconceito contra a mulher na Educação Física pode ser identificado já no ambiente escolar (LUZ JÚNIOR, 2002).

Em um estudo realizado por Candido *et al.* (2015), que teve como objetivo explicitar alguns dos sentidos relacionados à abordagem da Educação Física na 18ª temporada de *Malhação*, telenovela exibida pela Rede Globo. Na ocasião, algumas questões foram levantadas, a saber: por que o personagem que representou o professor de Educação Física foi um homem e não uma mulher? Por que as aulas das meninas na telenovela somente apareceram uma vez, enquanto a dos meninos é superior? Diante disso, percebe-se que a concepção de diferença entre os sexos extrapola o campo profissional da Educação Física, sendo observado nas representações midiáticas, inclusive.

4 Conclusão

O artigo revela a presença do sexismo no campo profissional da Educação Física, uma vez que na concepção das estudantes é percebido que há uma naturalização do corpo feminino como o mais fraco e o masculino como o mais forte, reforçando as diferenças, observação que reforça as diferenças entre os sexos.

Na concepção das estudantes, de maneira predominante, os desafios encontrados no cotidiano são o assédio no caminho do trabalho, no ambiente profissional e nas representações de sexo frágil, no que se refere ao trabalho com pesos nas academias de ginástica.

Justamente, para quebrar o estigma de que a sociedade criou perante as mulheres, é fundamental engendrar mais discussões sobre esse problema social na área, pois ainda há a imagem da mulher associada à submissão e fragilidade, o preconceito ainda está enraizado, mesmo tendo avanços nos últimos tempos, faz-se necessário uma mudança cultural, na qual a mulher tenha os mesmos direitos que os homens, em todas as áreas, para assim o machismo, o assédio e o sexismo deixarem de existir.

Referências

CÂNDIDO, C.M. et al. A representação da Educação Física na 18ª temporada da telenovela *Malhação*. *Rev. Bras. Educ. Fis. Esporte*, v.29, n.1, p.95-106, 2015. doi: <https://doi.org/10.1590/1807-55092015000100095>.

CASARINO, T.A.F.; QUEVEDO, E.R.; GERVASONI, T.A. A discriminação contra a mulher: análise histórica e contemporânea. In: *SEMANA ACADÊMICA FADISMA ENTREMENTES*. 2014. *Anais...* 2014. Disponível em: <http://sites.fadismaweb.com.br/entrementes/anais/wp-content/uploads/2015/05/a-discriminacao->

contra-a-mulher_-analise-historica-e-contemporanea.pdf

COSTA, M.R.F.; SILVA, R.G. A Educação Física e a Co-Educação: Igualdade ou Diferença?. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, v.23, n.2, p.43-54, 2002.

DARIDO, S.C. Futebol Feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. *Motriz*, 2002. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/08n2/Darido.pdf>

DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. *Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

DEVIDE, F.P. Estudos de gênero na Educação Física brasileira. *Motriz*, v.17, n.1, p. 93-103, 2011.

FRAZÃO, D.P.; COELHO FILHO, C.A.A. Motivos para a prática de ginástica em academias exclusivas para mulheres. *Rev. Bras. Educ. Fis. Esporte*, v. 29, n. 1, p. 149-158, 2015.

FUKUDA, R.F. Assédio Sexual: uma releitura a partir das relações de gênero. *Simbiótica*, Ufes, n.1, p. 119-135, 2012.

LESSA, P.; OSHITA, T.A.D.; VALEZZI, M. Quando as mulheres invadem as salas de musculação: aspectos biossociais da musculação e da nutrição para mulheres. *Inic. Cient. CESUMAR*, v.9, n.2, p.109-117, 2007.

LIMA, F.M.; DINIS, N.F. Corpo e gênero nas práticas escolares de Educação Física. *Currículo sem Fronteiras*, v. 7, n.1, p. 243-252, 2007.

MATIAS, V.S.T. *Experiência de Vida numa Academia e a formação profissional*. Campina Grande, PB. 2013.

MOURA, D.L. et al. Esportes, mulheres e masculinidades. *Esporte Soc.*, v. 5, n. 13, 2009.

MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. *Movimento*, v.7, n.13, 2000.

NEIVA, G.; GOMES, E.M.; COSTA, J.S. Academias de Ginástica só para Mulheres: Inovação ou tradição? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE; 2º CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE; 16-21 set 2007; Pernambuco, BR. Pernambuco: CONBRACE/CONICE; 2007.

PAIXÃO, J.A. Dificuldades enfrentadas por professores de educação física em academias de ginástica e em escolas de educação básica no início de carreira. *Pensar a Prática*, v.20, n.3, p.552-564, 2017.

PRADO, V.M.; RIBEIRO, A.I.M. Gêneros, sexualidades e Educação Física escolar: um início de conversa. *Motriz*, v. 16, n.2, p.402-413, 2010.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educ. Realidade*, v.20, n.2, p.71-99, 1995.

SEVERINO, A.J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, S.G. Preconceito no Brasil Contemporâneo: as pequenas diferenças nas constituições da subjetividade. *Psicol. Ciênc. Profissão*, v.23, n.2, p.2-5, 2003.

SILVA, S.G. Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher. *Psicol. Ciênc. Profissão*, v.30, p.556-571, 2010.

VIEIRA, M.K. et al. A síndrome do esgotamento profissional em professores de educação física que atuam nas academias de ginástica e musculação. *Rev. Biomotriz*, v. 8, n. 2, p. 1-19, 2014.